

UM DESAFIO IRRECUSÁVEL: A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA OS ESTUDOS DA HISTÓRIA

*Maria de Lourdes Eleutério**

Por ocasião do simpósio *Revisitando os Descobrimentos: Linguagens Textuais e Comemoração*, tive a oportunidade de participar da discussão sobre as contribuições do estudo da literatura como objeto privilegiado para uma maior e melhor compreensão da história. Os últimos anos revelam que os “descobrimentos”, isto é, as pesquisas históricas, notadamente no que concerne à história social e cultural, avançam no sentido de aprimorar-se e aprofundar-se, ampliando seus objetos de estudo para as manifestações estéticas de um período ou contexto, numa constante alteração de fronteiras que só pode beneficiar a produção do saber.

Eu mesma, imbuída de que novas fontes trariam novos esclarecimentos, e, seguramente, novos questionamentos, defendi nesta instituição, que ora me privilegia com o convite para este debate, uma dissertação de mestrado que evidenciava a busca de novas abordagens e elementos explicativos acerca de definições, fontes e sobretudo métodos de análise.

Pelo olhar de Oswald de Andrade (1890-1954), perpassei o período histórico em que viveu o escritor com o propósito de entendê-lo e a seu tempo. A leitura de suas obras até então editadas mostrou-me um homem em permanente processo de mudança, revelando-me a imbricação de uma vida/obra questionadora do mundo.¹

* Doutora em Sociologia pela USP. Pesquisadora do Idesp (Instituto de Estudos Sócio-Políticos).

1 Eleutério, Maria de Lourdes. *Oswald, itinerário de um homem sem profissão*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.

Oswald manteve-se inquieto por toda a sua existência, tendo como elemento definitivo e definidor de perquirição a antropofagia, conceito – construído em sentido análogo à devoração empreendida pelos nossos índios de um Outro virtuoso para absorver-lhe as qualidades – que evidencia a preocupação de seu idealizador com a busca constante. Pesquisador de virtudes alheias, Oswald não titubeou em afirmar: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”.² Antropofagia é, sobretudo hoje, muito atual em um mundo que globaliza a homogeneidade, em uma perene busca de sentidos. Penso que nossa atitude de historiador tenha semelhança com a antropofagia oswaldiana quando procuramos indícios significativos numa documentação diversificada

Assim, ao escolher meu objeto, encontrei simultaneamente um novo método, isto é, para analisar a história vali-me da vida do referido autor, entendendo-a inseparável de sua obra, além de tentar apreender o método, portanto a antropofagia, como paradigma de explicação do próprio escritor no entendimento de seu momento histórico.

Para Oswald, o embate na transformação de si e do mundo tem na literatura um espaço de questionamento da realidade. Ao escrever, exercitou a palavra para interpretar, denunciar. O tecido vocabular tem inúmeras possibilidades e a escritura oswaldiana é uma enunciação inconfundível, como nos explica Barthes.³ Ao utilizar-se com mestria de figuras de linguagem, o poeta reavalia antropofagicamente o texto famoso “Canção do exílio” do poeta romântico Gonçalves Dias, revestindo-o de novos significados, em tom de elogio crítico à sua terra.

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores

2 O aforisma encontra-se no Manifesto Antropófago.

3 Barthes, Roland. “O grau zero da escritura”. *Novos ensaios críticos/o grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix, 1974.

Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra⁴
(...)

Uma única palavra – palmeiras –, paranomasicamente transformada em palmares, altera substancialmente o significado dos versos originais e registra não as saudades da terra idílica, mas a resistência negra, e no segundo verso a amplitude de uma terra que poderia abrigar a todos. O tom lúdico, a síntese, o traço paródico da alusão ao outro poema são marcas da história pessoal do escritor que se revelam em um poema em homenagem à sua então esposa Tarsila do Amaral:

Atelier

Caipirinha vestida por Poiret
A preguiça paulista reside nos teus olhos
Que não viram Paris nem Picadilly
Nem as exclamações dos homens
Em Sevilha
À tua passagem entre brincos

Locomotivas e bichos nacionais
Geometrizam as atmosferas nítidas
Congonhas descora sob o pátio
Das procissões de Minas

A verdura no azul klaxon
Cortada
Sobre a poeira vermelha

Arranha-céus
Fordes Viadutos
Um cheiro de café
No silêncio emoldurado.
(...)⁵

4 Da série Loide Brasileiro, in *Pau-Brasil*. 5 ed. São Paulo, Globo, 1991, p. 139.

5 Da série Postes da Ligth, ibidem, p. 118.

Misto de mulher bonita e artista original, oriunda de um país agrário, simultaneamente “caipirinha” e vestida pelo maior figurinista francês daquela época, viajava pela recôndita Minas Gerais e por Sevilha. A artista narra sua própria vida nas telas – em “Atelier” há várias indicações, os bichos que relembram sua infância nas fazendas da família, o início da urbanização paulista com fordes e viadutos, o colorido, a forma geometrizada, cubista aprendida em Paris. O rosto de Tarsila emoldurado recende a café e Oswald completa os versos numa alusão a si mesmo ao referir-se ao episódio real – o dos brincos – causador da manifestação de seu ciúme.

Preocupação recorrente para o autor era a gestação da urbanização no Brasil agrário, e a denúncia de uma natureza decaída porque transformada em mercadoria. Observemos o poema “Ideal bandeirante”:

Tome este automóvel
E vá ver o Jardim New-Garden
Depois volte à Rua da Boa Vista
Compre o seu lote
Registre a escritura
Boa firme e valiosa e more nesse bairro romântico
Equivalente ao célebre
Bois de Boulogne
Prestações mensais
Sem juros

O escritor tem dúvidas quanto à transformação radical e critica a proposta de bairro romântico, num país tropical, que pode ser igual ao Bois de Boulogne e ter o nome de Jardim New Garden. A cidade surge como material estético para colocar em discussão a viabilidade de um bairro com tantos atributos. Ele questiona o progresso. Em relação ao título do poema, percebe-se que Oswald quer mais uma vez dessacralizar nossa história. O tal desbravador bandeirante continuaria impetuoso em pleno século XX. Tal idéia é retomada já no fim da vida do escritor e nas suas raízes como podemos observar na incisiva crítica, não só à nossa história, mas também ao seu ensino e ainda à historiografia.

A marcha das utopias

Ponto nevrálgico da história paulista é o bandeirismo. Desde a escola primária, aprendemos a ver os desbravadores como “raça de gigantes” e outras sonoras tolices de que vivem

professores incapazes e escritores fracativos. O bandeirismo é discutível. (...) Se de fato os paulistas quebraram o mito diplomático de Tordesilhas, também fizeram inutilmente uma das maiores razias da história americana, depredaram e destruíram (...)⁶

Trata-se de um texto precursor publicado em 1953 e evidenciador, uma vez mais, da perene preocupação com a construção de nossa história. Aliás, a avaliação crítica, audaciosa e parcial da consciência dilacerada do homem/escritor, emerge, como vemos, para uma leitura que constitui a própria identidade nacional. Analisando a vida/obra de Oswald de Andrade, inferimos que o escritor se constitui no paradigma de seu momento, e também o propositor de uma outra história que se concretizaria na utópica Pindorama. O devorador da história concebeu um lugar (ou um não lugar) no qual pudemos entender ainda melhor a história e o compromisso com a palavra no intuito de desarticulá-la de seus sentidos usuais. No universo da palavra, fez conviver histórias, desmistificando sua diacronia, construindo antropofagicamente um eixo sincrônico para ela, a palavra, no qual vemos que a história é sempre igual, já que reflete a espoliação do homem.

Mas não apenas os ditos grandes escritores auxiliam os historiadores a entender processos sociais e culturais.

Em outra investigação analisei autores quase desconhecidos, entretanto pertencentes ao mundo das letras e de seus nomes célebres.⁷ Meu propósito foi mostrar qual o espaço das mulheres letradas na chamada república das letras. Os ideais republicanos no Brasil atribuíam a elas um papel dito importante, pois a instauração de uma educação laica e gratuita seria realizada pelas professoras. Sendo assim, numa ampliação do espectro da maternidade, as mulheres deveriam ser instruídas para ensinar às crianças nas escolas que iam surgindo ao longo do primeiro terço do século XX, sobretudo aos meninos que posteriormente seguiriam cursos superiores, estes, ministrados por homens.

A mulher ilustrada já vinha sendo objeto de preocupação mesmo antes do advento da República, pois aquela que sabia ler, de preferência em mais de um idioma, tivesse aprendizado artístico, tocasse algum instrumento e cantasse, era considerada apta a um casamento conveniente, isto é, constituía-se em bom trunfo para alianças políticas e econômicas. Contudo, mais do que ser mãe, esposa ou professora, cada vez mais ela

6 *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, p. 178.

7 Eleutério, Maria de Lourdes. *De esfinges e heroínas, a condição da mulher letrada na transição do fim do século*. Tese de doutoramento em Sociologia USP. São Paulo, 1997.

deseja escrever, ser escritora, criadora, talvez porque tal atividade pudesse ser desenvolvida intramuros, já que o exercício de outras profissões era algo distante.

Decidi então estudar melhor o período já trabalhado com Oswald de Andrade e aprofundar as questões pertinentes ao exercício da criação literária em sua conjuntura sociocultural. O foco de interesse maior era a prática da ficção por mulheres. A pesquisa revelou-se bastante diversa da anterior. Para Oswald, uma profusão de obras do autor, de seus estudiosos, uma vida múltipla, o contexto cultural anterior e posterior da Semana de Arte Moderna, sem contar o desafio de sua escritura que me obrigou a estudar a questão da linguagem, e, é claro, a história literária.

Meu novo objeto, em que pese a expansão da história das mulheres proporcionando-nos valiosas contribuições, quase nada me oferecia. Como saber da produção se os nomes apareciam vagamente inseridos em raras obras de referência?⁸ Depois de algum tempo, conexões foram sendo estabelecidas e as suspeitas iniciais se concretizaram: as mulheres pertenciam às famílias letradas.

O trabalho enfocou o percurso de irmãs, filhas, esposas e mães ilustradas para ingressar no mundo predominantemente masculino das nossas letras. Vistos em seu conjunto, os escritos dessas mulheres não se referem apenas às preocupações em relação à criança e à família, vão a problemas controversos como o amor, o adultério, o divórcio, o erotismo, o voto, o feminismo e o trabalho.

O que elas fazem é um ensaio de identidade e de autonomia. É a mulher pensando a mulher numa procura de si mesma que se legitima a despeito da presença do homem que lhe é mais próximo: pai, irmão, marido, o que nos revela uma espécie de hereditariedade muito comum ao patrocínio do fazer literário. No escrever das literatas, entendemos o seu repertório, seus argumentos, conhecemos os autores que liam, o que e como as influenciavam.

Quase sempre excluídas de publicações, revistas, jornais, estabelecem rede de apoio entre si para a divulgação de seus escritos. Ampliam seu universo de relações enviando textos a inúmeros periódicos femininos e feministas pelo Brasil afora. Elas produzem inicialmente poesias, mas progressivamente criam romances de aprendizagem ou de formação, registros de suas aspirações, anseios e idéias. Almejam as instâncias de consagração e glória como ingressar na Academia Brasileira de Letras, por exemplo.

8 Duas delas, justamente de mulheres. Trata-se de Sabino, Inês. *Mulheres ilustres do Brasil*, Rio de Janeiro, Garnier, 1899 e Bittencourt, Adalsira. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais*. Rio de Janeiro, Ponguetti, 1969.

Para além do que elas escrevem, é possível analisar como elas se inscrevem no espaço das letras, isto é, as ligações de comprometimento no fechado sistema de produção intelectual da república das letras.

E o mérito de suas obras? Qual a qualidade literária que apresentam? Pouco importa nesse estudo. A relevância em ter analisado mais de duas dezenas de literatas e lido mais de setenta obras produzidas por elas, permitiu entender o universo da mulher letrada de uma elite política e econômica, mas, fundamentalmente, do homem que interagiu com as mesmas. Eram eles Castro Alves, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Afonso Celso, Clóvis Bevilacqua, entre outros, que compreenderam e apoiaram, ou não, os anseios de suas irmãs, esposas e filhas em se tornarem intelectuais.

Exemplifico com a literata Júlia Lopes de Almeida, modelo da mulher vitoriosa nas letras. Muito provavelmente, por ser atribuída a ela a excelência de ser esposa de Filinto de Almeida, membro da Academia Brasileira de Letras, editora da revista *A Semana*, mãe de quatro filhos, anfitriã esmerada.

Escreveu pouco menos de 30 livros: para crianças, romances, teatro, crônicas, contos, relatos de viagem. Entre os inúmeros temas desenvolvidos por ela estão a questão da urbanização acelerada e uma precoce nostalgia do campo. Entre outras obras, o fenômeno editorial *Correio da roça*⁹ mereceu minha atenção redobrada. Nele, a autora nos conta os percalços de Maria, viúva arruinada, obrigada a viver com as três filhas com idade para casar, na única propriedade, em péssimas condições, que lhe restou após a morte e falência do marido. Isolada, a viúva pede, em carta, à amiga Fernanda que lhe envie “um bom jornal de modas parisienses” para se entreter e às filhas também. Fernanda responde “sem ser proprietária rural, só pelo mero capricho da curiosidade, assino uma revista brasileira – *Chácaras e Quintais* – que me dá algumas informações preciosas”. Como não podemos perder nenhuma pista que a ficção nos oferece, consultei um trabalho (que resultaria numa tese) sobre revistas.¹⁰ O título não só existia como Júlia Lopes de Almeida era sua colaboradora. Ao ler a revista descobri que havia outra publicação, o *Almanaque Agrícola Brasileiro*, ambas do mesmo proprietário, na qual Júlia também escrevia contos bem apropriados para o veículo, como “O jardineiro”.

9 Almeida, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. Inicialmente publicado como folhetim. Primeira edição pela Francisco Alves & Cia em 1913. Em 1933 encontra-se na 6. ed. (a utilizada neste texto).

10 Martins, Ana Luíza. *Revistas em revista, práticas culturais em São Paulo, 1890-1922*. Tese de doutoramento em História. USP, 1998.

Ela sabia o que era o mercado editorial e como articular sua produção estimulando a leitura de outros textos de sua autoria.¹¹

Estas investigações resultaram em dois trabalhos e muitos questionamentos. A ficção é uma leitura do mundo à qual o historiador deve estar atento, pois pode constituir-se tanto em crítica como adesão à realidade. Sabemos que a narrativa ficcional não apreende o mundo para transformá-lo em texto histórico, ela o apreende para transfigurá-lo através da imaginação e assim avaliá-lo do ângulo da projeção simbólica. É aí que precisamos conhecer bem o momento estudado para analisar a reelaboração ao nível estético que o escritor empreende em atitude crítica.

Claro está que a literatura é também problema histórico, mas é igualmente e preponderantemente problema estético. Vamos definir estética como o uso de elementos (no caso a palavra), numa extensão tal que reestrua nosso universo de compreensão, e, aliás, é por isso que necessitamos de sua colaboração para investigar episódios obscuros da história. Ela nos ajuda porque é transcendente, tem autonomia, supera. Na teoria do conhecimento, a transcendência ocorre quando o objeto tem condições de ser desvinculado da consciência. A autonomia e a transcendência não excluem o pertencimento da obra e de seu autor ao contexto social, é óbvio. A forma como se constrói ou representa a sua relação com a realidade é única, nos grandes autores: Guimarães Rosa, Machado de Assis, Dionélio Machado, Clarice Lispector, só para citar alguns brasileiros. Entretanto, os literatos também são importantes para a história e é preciso distingui-los dos primeiros.

Por vezes notamos a ênfase de estudo históricos nos mais renomados escritores, e aí também é preciso cautela porque há os considerados “melhores”, mas que seriam segundo Oswald de Andrade “aqueles clássicos, os mais lidos em classe”! É fundamental diferenciar escritores e literatos, mas tanto uma categoria quanto outra podem incrementar nosso conhecimento e nossa compreensão de um problema histórico. Jamais posso chamar de literato Machado de Assis, José de Alencar ou Mário de Andrade. Estes são os que vivem da escrita não por razões econômicas, são comprometidos e vêem a literatura como adesão, se arriscam. O literato é o diletante, não profissional.

Não é o que pensam os apresentadores e organizadores do trabalho coletivo sobre a contribuição da literatura para a pesquisa histórica *A história contada*, Sidney Chaloub

11 Para um entendimento melhor da referida articulação ver Eleutério, Maria de Lourdes. *De esfinges e heroínas*, op. cit. p. 67 e seguintes.

e Leonardo Affonso Pereira.¹² O texto em questão permeado de uma certa pretensão em afirmar o desejo de “apropriar-se da literatura com o maior sem cerimônia”, ou, então, não se curvar “diante de poetas e prosadores do Olimpo”, e, ainda, “é preciso desnudar o rei”. Afirmam os historiadores ser preciso submeter a literatura “ao interrogatório” e mais que o “historiador social é profanador”.

Ora, começando pelo fim quantos e quantos profanadores já não avançaram a compreensão do mundo? Quantos artistas, cientistas, pessoas comuns não dessacralizaram saberes constituídos, ou se empenharam por fazê-lo? O interrogatório de um objeto de pesquisa é um pressuposto básico, portanto deve estar implícito em qualquer procedimento.

Criadores, artistas, e mesmo literatos são singulares a despeito do que pensam os organizadores de *A História contada*. E nisto reside, aliás, sua contribuição maior para a investigação de um historiador.

A literatura trabalha com a palavra e a palavra é de todos. Mas isso é só aparência porque a palavra, na literatura está numa nova ordem, singular, absolutamente inovadora, com significados não aparentes. Tem que ser decodificada dentro de sua própria ordem que é a literatura. Portanto, precisamos nos qualificar para entender o seu conteúdo intrínseco. Ela é uma linguagem simbólica de elaboração complexa quando feita por grandes escritores. Desse modo, “be a ba do ofício de historiador social” não pode ser “o mesmo na análise da fonte literária, parlamentar, jornalística, jurídica, iconográfica, médica,” como apregoam os historiadores citados acima, porque além de métodos, técnicas e teorias de historiador, o mesmo tem que dominar as circunstâncias que engendraram, no caso da literatura, a referida simbolização.

Para entender literatura e utilizá-la para iluminar a pesquisa histórica não basta ler o autor, mas lê-lo em relação a outros porque é a diferença entre obras e autores que torna possível articular nexos de um contexto social e cultural. É de grande utilidade, para “sentir” o período, o manuseio de jornais e revistas de época, tendo o material vínculo direto ou não com o assunto tratado; esta experiência nos estimula a efetuar nexos interessantes e produtivos.

O perscrutar a literatura para compreender a história só faz sentido se lermos o que os outros pensaram do autor que elegemos, ao longo do tempo. Ler as memórias

12 Chalhoub, Sidney e Pereira, Leonardo Affonso de M. (org). *A História contada, capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

escritas por amigos e inimigos, as biografias.¹³ Ler a crítica e entender o andamento da relação de poderes implícito, ler na crítica o processo de apreensão do texto e do autor. Ler e aprender, por exemplo com o dublê de crítico literário e grande historiador Sérgio Buarque de Holanda.¹⁴

É preciso conhecer minimamente, não para aplicar, porque, isso, quem faz melhor é quem conhece mais, logo, os especialistas em literatura, mas, é preciso saber que existe: teoria do foco narrativo, entender se o narrador está fora ou dentro do texto, ou se há vários narradores. Observar quem narra o texto, e perceber que o narrador não é o autor do mesmo. Atentar para as marcas de subjetividade, como fala Barthes. Por isso é preciso estudar biografia, memórias, observar publicações de época, não como explicação mas como iluminação do texto literário.

É desafiador, no entanto, para trabalhar com expressão artística ou simplesmente com respeito por seu objeto, é preciso humildade, cultura ampla e articulação entre conhecimentos, acuidade, sensibilidade e paciência. Nem tudo é história, portanto, mas tudo é passível de constituir-se em objeto de reflexão sobre ela, como a literatura.

13 Miceli, Sérgio. *Poder, sexo e letras na Primeira República*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

14 Holanda, Sérgio Buarque. *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária*. Organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado. 2 vols. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.